



ARTIGO



Papéis de gênero e o sexo desprotegido entre mulheres e homens: uma Revisão Integrativa da Literatura

Isabella Zuardi Marques, *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

Rodrigo Falcão Chaise, *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

Kátia Bones Rocha, *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

Resumo: Este estudo objetivou analisar os dados encontrados na literatura científica internacional acerca da associação entre os papéis de gênero e o uso de preservativo em mulheres que se relacionam sexualmente com homens. Foi conduzida uma revisão integrativa da literatura nas bases de dados Scopus, PubMed, Lilacs e PsycINFO contemplando estudos publicados entre janeiro de 2015 e junho de 2021. Após a aplicação de critérios de inclusão e exclusão, alcançou-se a amostra final de 33 artigos. Os resultados dos artigos apontam que os papéis de gênero tradicionais estão associados com a dificuldade enfrentada pelas mulheres para usar preservativo no sexo com homens. Os aspectos relacionados a essa dificuldade foram os seguintes: conformidade com o *script* sexual tradicional e internalização do sexismo; adesão a um papel submisso na conjugalidade; receio de questionar a autoridade masculina em contexto de exposição às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs); e a intersecção entre ser mulher e outros marcadores sociais, como menores níveis de escolaridade, dependência financeira e disparidade de idade com o parceiro. Os achados desta revisão de literatura integram resultados de pesquisas realizadas em diferentes países e fornecem contribuições sobre componentes que devem ser priorizados em estratégias interventivas desenvolvidas para promover sexo seguro entre mulheres e homens.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Papéis de Gênero. Sexualidade. Prevenção. Preservativo.

Introdução

As relações de gênero podem ser compreendidas como relações sociais sustentadas por estruturas de poder que vulnerabilizam socialmente as mulheres, contribuindo para torná-las suscetíveis a diferentes problemas de saúde (AYRES; PAIVA; BUCHALLA, 2013). Essa vulnerabilidade social pode se traduzir em desigualdades de gênero, de modo a prejudicar a capacidade que mulheres apresentam de exercer o seu direito de proteção por meio do uso do preservativo no sexo com homens (SOUZA; MUÑOZ; VISENTIN, 2020). O construcionismo social considera que o conhecimento sobre os fenômenos não deve transcender seus limites sócio-históricos e seus pressupostos envolvem o antiessencialismo, o questionamento de verdades tidas como absolutas e a determinação cultural e histórica do conhecimento (ÍÑIGUEZ, 2007). Conforme essa perspectiva, que será adotada neste estudo, os papéis de gênero contemplam comportamentos, atitudes e traços que uma sociedade ou cultura classifica como femininos e masculinos, definindo o que se espera para cada pessoa de acordo com o seu gênero e atribuindo um valor a essas características (RUBLE; MARTIN; BERENBAUM, 1998). As normas de gênero, conceito mais amplo que o de papéis de gênero, mas que o abrange, dizem respeito às expectativas definidas socialmente para mulheres e homens em termos de tarefas, profissões, responsabilidades e papéis (KAUFMAN; PULERWITZ, 2019).

A divisão desigual de poder em relacionamentos afetivos e sexuais está relacionada a papéis de gênero que instituem que homens devem manifestar sua masculinidade através da dominação e mulheres sua feminilidade através da passividade, contribuindo para conferir autoridade aos homens e exigir submissão das mulheres (HARRISON *et al.*, 2006). A manifestação desses papéis de gênero no contexto sexual pode ser identificada no conceito de *script* sexual tradicional, que se refere à sequência normativa de eventos que devem ser desempenhados durante o sexo conforme o gênero. Segundo esse conceito, mulheres e homens possuem um roteiro esperado, com homens ocupando o papel

ativo de controle das decisões sexuais e mulheres devendo aceitar o que lhes é imposto (SAKALUK *et al.*, 2014).

Os papéis de gênero estão estreitamente associados a maior vulnerabilidade das mulheres ao sexo desprotegido. A ausência de intenção de uso de preservativo para os homens costuma estar atrelada à construção social de uma masculinidade hegemônica que é impulsiva, tem desejos imediatos e precisa exercer dominação (CARVALHAES, 2010). Para as mulheres, enquanto isso, a ausência de intenção de uso costuma ter relação com um “mito do amor romântico” que favorece a confiança no homem e a suposição de fidelidade (VON MUHLEN; SALDANHA; STREY, 2014). A confiança no parceiro pode ser considerada uma vulnerabilidade enfrentada pelo gênero feminino, uma vez que, a despeito das informações que mulheres dispõem sobre cuidado em saúde, sua intenção de aderir a condutas protetivas pode ser limitada (MEYER *et al.*, 2006). Quando há confiança, mulheres com parceiros estáveis tendem a não se perceber como vulneráveis às infecções transmitidas pelo sexo (FIGUEIREDO *et al.*, 2013; SILVA; SZAPIRO, 2015).

Ainda conforme Von Muhlen, Saldanha e Saldanha (2014), mesmo quando há conhecimento sobre traições, a ausência de intenção de uso por parte das mulheres pode estar associada a ideia de que tolerar a infidelidade é aceitável para manter a conexão com o parceiro e garantir o status e o valor que tendem a ser atribuídos a mulheres em relações estáveis. Finkler, Oliveira e Gomes (2004) apontam que concepções tradicionais de gênero que sustentam que mulheres não devem ficar sozinhas e que a posição de esposa deve ser um valor inegociável contribuem para uma maior suscetibilidade do gênero feminino ao adoecimento.

Por outro lado, quando mulheres possuem intenção de uso, os papéis de gênero que sustentam a irrestrita submissão feminina aos desejos masculinos também parecem dificultar a negociação do preservativo com homens. De acordo com revisões sistemáticas recentes, os papéis de gênero interferem no uso consistente do preservativo ao diminuir a capacidade de agência sexual das mulheres, ou seja, limitando seu poder, sua assertividade e sua autoconfiança no sexo (RODRIGUE; FERNET, 2016) e estão associados a uma maior exposição das mulheres às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (MEDINA-PERUCHA *et al.*, 2019). Ainda, no cenário mundial, cerca de 80 milhões de mulheres engravidam anualmente sem ter a intenção por não possuírem suas

necessidades contraceptivas atendidas (JOINT UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS [UNAIDS], 2017).

Nessa perspectiva, pesquisar os papéis de gênero e aspectos relacionados à assimetria de poder entre gêneros parece ser fundamental para compreender suas repercussões no sexo desprotegido entre mulheres e homens. Busca-se, assim, alcançar um maior esclarecimento sobre o uso de preservativo nesses relacionamentos que possa subsidiar intervenções que promovam proteção no sexo para as mulheres (HIGGINS; HOFFMAN; DWORKIN, 2010; MOURA *et al.*, 2021). Este estudo objetiva analisar os dados encontrados na literatura científica internacional acerca da associação entre os papéis de gênero e o uso de preservativo em mulheres que se relacionam sexualmente com homens. Especificamente, busca caracterizar as pesquisas encontradas sobre essa temática, discutir seus resultados e apontar direcionamentos para futuras intervenções.

Método

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura. Essa forma de revisão é apropriada para discutir o estado atual do conhecimento sobre um tema, possibilitando a articulação de saberes obtidos a partir de pesquisas com diferentes delineamentos. Envolvendo uma análise da literatura de forma sistemática e ordenada, permite uma síntese e análise crítica das evidências disponíveis para responder uma questão de pesquisa específica. É considerado pertinente que esse tipo de estudo inclua discussões sobre o método e os resultados das pesquisas incluídas na revisão, bem como reflexões sobre estudos futuros (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para garantir uma busca abrangente da literatura sobre o tema, foram utilizadas as bases de dados eletrônicas Scopus, PubMed, Lilacs e PsycINFO. Constatou-se que incluir nas buscas apenas o descritor *gender roles* (papéis de gênero em inglês) resultava em poucos artigos que contemplavam o objetivo da presente revisão. Dessa forma, foi incluído também o descritor *gender norms* (normas de gênero em inglês), visto que esse termo abrange os papéis de gênero e permite encontrar outros estudos relevantes para a análise. Foram empregados nas buscas os seguintes descritores *Medical Subject Headings* (MeSH): (*woman* OR *women*) AND *condom* AND (“*gender roles*” OR “*gender*

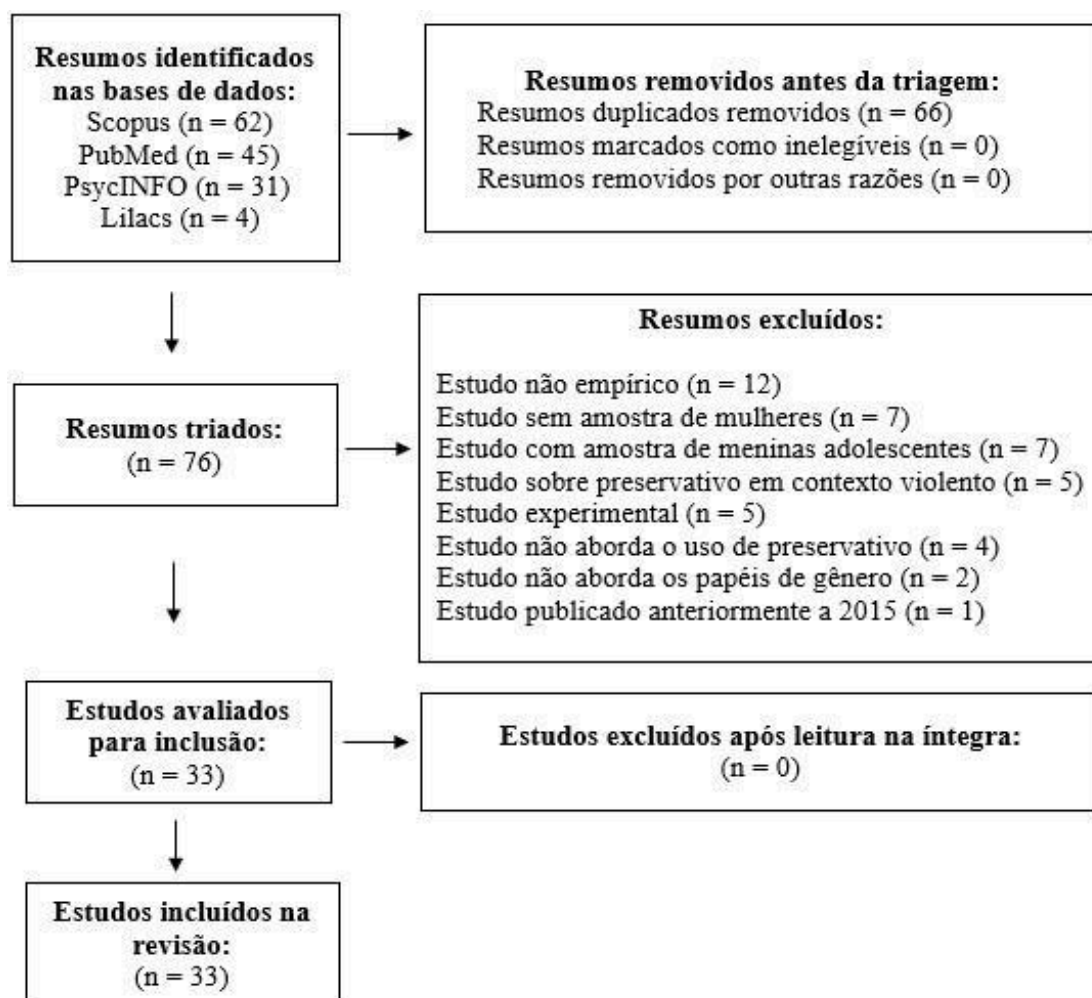
norms”) e restringiu-se o período de busca entre janeiro de 2015 e junho de 2021. Os registros foram mapeados nas bases de dados no dia 27 de junho de 2021.

Os estudos incluídos na revisão atendem aos seguintes critérios de inclusão: 1) artigos científicos empíricos publicados em periódicos disponíveis para leitura na íntegra; 2) discussão sobre o uso de preservativo em mulheres com no mínimo 18 anos de idade que fazem sexo com homens; 3) presença do tema de papéis de gênero; e 4) escritos em inglês, espanhol ou português. Para delimitar o escopo temático, foram utilizados os seguintes critérios de exclusão: 1) artigos duplicados; 2) estudos de caso; 3) revisões de literatura; 4) estudos experimentais; 5) pesquisa sobre o uso de preservativo exclusivamente em meninas adolescentes; e 6) análise do uso de preservativo em contexto de violência.

Durante todas as etapas, os estudos foram analisados pela mesma dupla de juízes independentes. Em situações de discordâncias, foram realizadas análises em conjunto até que um consenso fosse alcançado. Aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão e contando com o auxílio do *software* Rayyan, foi feita uma triagem inicial dos estudos por meio da análise de títulos e resumos. Posteriormente, os artigos triados foram acessados na íntegra, aplicando-se novamente os critérios de inclusão e exclusão. Assim, chegou-se aos artigos que constituíram a amostra final. O processo de seleção dos artigos está ilustrado na Figura 1.

Foram extraídas dos estudos incluídos as seguintes informações: ano de publicação; país em que foi conduzida a pesquisa; concepção teórica de papéis de gênero; avaliação de papéis de gênero; delineamento; coleta de dados; amostra; principais resultados relacionados à associação entre o uso de preservativo e os papéis de gênero; e sugestões para intervenções. As informações extraídas foram organizadas no *software* Excel 2013. Por fim, os dados foram integrados e discutidos à luz de estudos anteriores relevantes para a área de pesquisa, buscando verificar possíveis convergências, divergências e atualizações na literatura.

Figura 1: Fluxograma da seleção de artigos para revisão



Fonte: Elaboração própria, 2023

Resultados e discussão

Serão apresentados, primeiramente, apontamentos sobre as características dos estudos incluídos na revisão. As informações referentes aos anos e locais de publicação dos artigos constam na Tabela 1. Considerando o recorte temporal adotado na inclusão de artigos nesta revisão, entre janeiro de 2015 e junho de 2021, a ausência de aumento no fluxo de publicações ao longo do tempo parece alarmante, visto que não são recentes as evidências da necessidade de investimento na temática (HARRISON *et al.*, 2006; SCHICK; ZUCKER; BAY-CHENG, 2008).

Em relação à origem dos dados, a dispersão das pesquisas demonstra que a preocupação com a temática não é exclusiva de contextos culturais específicos, com normas de gênero mais ou menos desiguais. O sistema de poder simbólico que sustenta a superioridade masculina e a inferioridade feminina, assim, parece ultrapassar fronteiras geográficas e gerar prejuízos para a segurança no sexo de diferentes mulheres ao redor do mundo. Entretanto, a maior quantidade de estudos na África está em consonância com especificidades já documentadas referentes a desigualdades de gênero profundas nesse continente que vulnerabilizam significativamente as mulheres (UNAIDS, 2017). Ainda, é coerente com o número preocupante de casos de Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) verificados na população feminina na África. As mulheres jovens africanas apresentam probabilidade duas vezes maior de viver com o HIV em comparação aos homens (UNAIDS, 2021).

Tabela 1: Quantidade de artigos conforme o ano de publicação e a origem dos dados

Ano de publicação	Número de artigos
2015	8
2016	3
2017	4
2018	2
2019	6
2020	5
2021	5

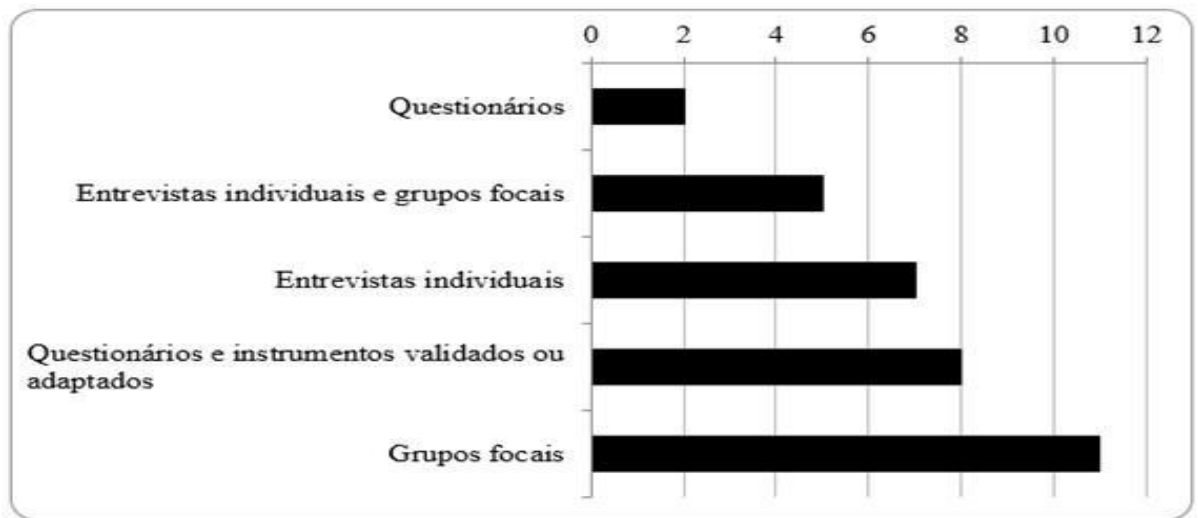
Origem dos dados	Número de artigos
África	12
Ásia	8
América do Norte	6
América do Sul	4
América Central	2
Europa	1

Fonte: Elaboração própria, 2023

Quanto ao delineamento, há 22 artigos (66,6%) qualitativos, 10 artigos (30,3%) quantitativos e um artigo (3,1%) de métodos mistos. A expressiva predominância de estudos qualitativos sugere que a abordagem interpretativa é, até o momento, a estratégia metodológica mais mobilizada na tentativa de compreender fenômenos tão complexos, subjetivos e culturalmente determinados quanto os papéis de gênero nas negociações de sexo seguro. Esse dado parece coerente, pois a investigação das dinâmicas de gênero demanda acessar narrativas, percepções e significados atribuídos pelas mulheres, algo que dificilmente seria apreendido de forma robusta apenas por métodos quantitativos.

No que se refere ao caráter temporal dos estudos, 32 artigos desenvolveram pesquisas de corte transversal. A primazia quase absoluta de estudos transversais levanta uma considerável preocupação, tendo em vista o potencial de estudos longitudinais para analisar as variáveis em diferentes recortes de tempo e, conseqüentemente, gerar evidências mais sólidas. A forma como os dados foram coletados nos estudos está apresentada no Gráfico 1. Os grupos focais foram a principal estratégia utilizada. Partindo de uma perspectiva crítica feminista, é uma maneira de coletar dados que facilita a comunicação das experiências cotidianas das mulheres ao validar seus relatos e colocar suas vivências no centro da discussão (RODRIGUEZ *et al.*, 2011).

Gráfico 1: Distribuição da forma de coleta de dados



Fonte: Elaboração própria, 2023

As concepções teóricas adotadas para conceitualizar os papéis de gênero variaram entre os artigos. Contudo, uma compreensão sobre os papéis de gênero que foi utilizada com certa frequência, em 11 estudos (33,3%), se refere ao entendimento de que mulheres exercem, em comparação aos homens, menores níveis de poder em tomadas de decisões referentes ao sexo ou à saúde sexual e reprodutiva (BLUNCH, 2019; CHE *et al.*, 2017; COUTINHO *et al.*, 2021; GARRISON-DESANY *et al.*, 2021; HUBER-KRUM; KARANDIKAR; GEZINSKI, 2020; KELLY *et al.*, 2015; KING *et al.*, 2016; LEONTSINI *et al.*, 2020; MEDEIROS *et al.*, 2016; MTENGA *et al.*, 2015; SHRADER *et al.*, 2021).

Outros 10 estudos (30,3%) conceitualizaram os papéis de gênero por meio de concepções das mulheres como fracas ou frágeis, submetidas ou subordinadas aos homens e com um lugar determinado para ocupar na sociedade restrito à família. Os homens nesses estudos foram tidos como superiores, dominantes, protetores e provedores das mulheres e/ou da família (ESTAVELA; SEIDL, 2015; FLADSETH *et al.*, 2015; GUERRA-REYES; IGUIÑIZ-ROMERO, 2019; GURMAN *et al.*, 2020; IBAÑEZ *et al.*, 2017; LEUNG; MACDONALD, 2018; MADIBA; NGWENYA, 2017; MBURU; LIMMER; HOLLAND, 2019; SASTRE *et al.*, 2015; SYCHAREUN *et al.*, 2021).

Em oito estudos (24,2%), a conceitualização de papéis de gênero ocorreu a partir da compreensão das mulheres como desejavelmente inexperientes e passivas sexualmente e dos homens como assertivos,



dominadores e com necessidades sexuais (ALVARADO *et al.*, 2019; FITZ; ZUCKER, 2015; JOHN; BABALOLA; CHIPETA, 2015; LOTFI *et al.*, 2016; MABASO *et al.*, 2021; MOU *et al.*, 2020; PATEL *et al.*, 2018; SEABROOK *et al.*, 2017). De acordo com três estudos (9,1%), os papéis de gênero estabelecem que os homens devem ter o controle sobre o relacionamento e o sexo e as mulheres devem ser dependentes (AYUTTACORN *et al.*, 2019; CHAPMAN; NASCIMENTO; MANDAL, 2019; KENDALL *et al.*, 2015). Conforme um estudo (3,1%), diferenças em papéis de gênero afetam o comportamento no sexo de modo a prejudicar as mulheres (RAMOS-ORTIZ *et al.*, 2020).

Os estudos supracitados incluídos na revisão convergem com a literatura anterior, que aponta que o papel de gênero feminino é demarcado pela fragilidade e subordinação, enquanto o papel de gênero masculino é exercido por meio da dominância e autoridade (CARVALHAES, 2010; HARRISON *et al.*, 2006). Ainda, estão em consonância com a concepção do construcionismo social, que sustenta que os papéis de gênero não são produtos de diferenças evolutivas e hormonais que distinguem mulheres e homens (KAUFMAN; PULERWITZ, 2019), mas sim constituídos em um contexto sócio-histórico específico (ÍÑIGUEZ, 2007).

Como forma de avaliar os papéis de gênero, cinco estudos quantitativos aplicaram perguntas elaboradas pelos próprios autores. Em duas dessas pesquisas, as perguntas foram específicas: “uma mulher pode pedir ao seu marido que use preservativo quando ela sabe que ele tem uma doença?” (MTENGA *et al.*, 2015); “quem deve prover o preservativo?”; e “as mulheres devem ter preservativo em casa?” (LEUNG; MACDONALD, 2018). Em outros casos, ocorreram questionamentos mais amplos, abordando as seguintes variáveis correlatas aos papéis de gênero: autonomia da mulher no cuidado em saúde; tomadas de decisões no casamento; acesso a recursos; disparidade de idade entre parceiros; e dependência financeira do parceiro (BLUNCH, 2019; GARRISON-DESANY *et al.*, 2021; MABASO *et al.*, 2021).

Os outros cinco estudos quantitativos utilizaram instrumentos com evidências psicométricas de validade ou versões adaptadas pelos pesquisadores para medir papéis de gênero. Foram aplicados os seguintes instrumentos: Questionário de Adesão aos Papéis de Gênero Tradicionais (LOTFI *et al.*, 2014); *Gender-Equitable Men Scale* (PULERWITZ; BARKER, 2008); *Hiperfemininity Scale* (MURNEN;

BYRNE, 1991); *Relational Motivation Subscale da Perceived Locus of Causality for Sex Scale* (JENKINS, 2003); *The Adolescent Masculinity Ideology in Relationships Scale* (CHU; PORCHE; TOLMAN, 2005); *The Attitudes Toward Women Scale for Adolescents* (GALAMBOS *et al.*, 1985); *The Adversarial Sexual Beliefs Scale* (BURT, 1980); e *The Heterosexual Script Scale* (SEABROOK *et al.*, 2016).

É preocupante que metade dos estudos quantitativos não tenha utilizado medidas para avaliar papéis de gênero que possuam evidências de validade, considerando que instrumentos com boas características psicométricas possibilitam analisar a plausibilidade de modelos teóricos explicativos (FILHO; ZANON, 2015). Ainda, não houve nenhum instrumento validado psicometricamente que tenha se repetido nos artigos. A ausência de convergência na forma de medida dos estudos lança desafios para o conhecimento produzido sobre o tema.

Observou-se variedade na forma de avaliar os papéis de gênero nos estudos qualitativos. Apenas três pesquisas abordaram a temática de forma específica. Nesses casos, as mulheres foram questionadas se acreditavam que o homem deve ser o responsável pela compra do preservativo (RAMOS-ORTIZ *et al.*, 2020), sobre campanhas de saúde pública que reforçam papéis de gênero heteronormativos e como questões de gênero afetam a prevenção no sexo (COUTINHO *et al.*, 2021) e diálogos foram fomentados acerca dos papéis de gênero (KING *et al.*, 2016).

Nos outros 19 estudos qualitativos, foram acessadas percepções das participantes sobre os papéis de gênero ao abordar assuntos associados à temática. O conteúdo emergiu a partir do questionamento sobre os seguintes aspectos: padrões de tomadas de decisões sexuais e reprodutivas com base em diferenças de gênero (CHE *et al.*, 2017; GUERRA-REYES; IGUÍÑIZ-ROMERO, 2019; KELLY *et al.*, 2015; MEDEIROS *et al.*, 2016); necessidades relacionadas à saúde sexual e reprodutiva e ao acesso à saúde (MBURU; LIMMER; HOLLAND, 2019); manifestações da sexualidade (ALVARADO *et al.*, 2019); comportamentos de busca de ajuda (HUBER-KRUM; KARANDIKAR; GEZINSKI, 2020); preservativo em diferentes contextos (GURMAN *et al.*, 2020; KENDALL *et al.*, 2015; LEONTSINI *et al.*, 2020; PATEL *et al.*, 2018); percepções sobre preservativo e riscos para ISTs (IBAÑEZ *et al.*, 2017; SHRADER *et al.*, 2021; SYCHAREUN *et al.*, 2021); motivações e barreiras para proteção contra o HIV (ESTAVELA; SEIDL, 2015; SASTRE *et al.*, 2015); negociação em relações conjugais (MADIBA;

NGWENYA, 2017); autocuidado e comportamento sexual (AYUTTACORN *et al.*, 2019); e normas sociais e atitudes em relação à contracepção (JOHN; BABALOLA; CHIPETA, 2015). Ainda, o estudo de métodos mistos, que teve apenas sua etapa qualitativa incluída nesta revisão, avaliou os papéis de gênero ao questionar sobre o impacto do gênero nas dinâmicas relacionais (CHAPMAN; NASCIMENTO; MANDAL, 2019).

A caracterização das participantes está disposta na Tabela 2. Esperava-se que mulheres em relações conjugais tivessem sido alvo de atenção dos estudos com mais frequência, no entanto esse grupo foi acessado apenas em quatro estudos (12,1%). Desenvolver mais pesquisas que coletem dados com esse grupo é importante, uma vez que mulheres recorrentemente deixam de usar preservativo em relacionamentos estáveis (OSWALT; WYATT, 2014).

Tabela 2: Quantidade de artigos conforme a faixa etária e outras características amostrais

Faixa etária	Número de artigos
18-30	6
18-40	3
18-50	7
18-50+	12
40-60	1
Não mencionado	4
Características amostrais	Número de artigos
Mulheres em risco ou população-chave para HIV	6
Mulheres que vivem com HIV	4
Mulheres que usam gel preventivo para HIV	1
Mulheres em relacionamentos sorodiscordantes	1
Mulheres estudantes universitárias	5
Mulheres em relações conjugais	4
Mulheres em idade reprodutiva ou grávidas	5
Mulheres latino-americanas	1

Mulheres jovens	1
Mulheres jovens migrantes	1
Sem especificações	4

Fonte: *Elaboração própria, 2023*

Quanto aos resultados propriamente ditos dos artigos, constatou-se a existência de relações importantes entre os papéis de gênero e o uso de preservativo, com algumas associações sendo corroboradas em diferentes artigos revisados e outras apresentando maior singularidade. Esses resultados serão articulados a seguir em quatro eixos temáticos. Por fim, serão tecidas reflexões sobre as recomendações dos estudos revisados em termos de conteúdos que devem ser abordados em intervenções que tenham a intenção de promover sexo seguro entre mulheres e homens.

A conformidade com o *script* sexual tradicional e a internalização do sexismo

O estudo longitudinal de Leung e MacDonald (2018) incluído nesta revisão apontou que o receio que mulheres estudantes universitárias no Canadá possuem de carregar preservativo consigo está associado à avaliação negativa que imaginam que os homens teriam delas no sexo ao assumirem um papel que não lhes caberia. Tal achado apresenta sustentação na literatura, visto que a pesquisa de Francisco *et al.* (2016) indica que modelos hegemônicos de masculinidade e de feminilidade condenam mulheres que trazem consigo preservativos por estarem assumindo uma postura ativa que seria resguardada aos homens. Diante disso, percebe-se que, embora os discursos contemporâneos defendam a autonomia sexual das mulheres, persistem entraves simbólicos que reforçam a lógica patriarcal, mesmo em práticas aparentemente simples, como ter um preservativo na bolsa caso necessite.

O sexismo ambivalente internalizado pelas mulheres neste estudo de Leung e MacDonald (2018) esteve associado à expectativa que elas apresentavam de que apenas os homens deveriam prover o preservativo. O sexismo ambivalente é um modelo de compreensão da manifestação do preconceito contra as mulheres e perpassa pelo

entendimento de que há na contemporaneidade uma oscilação na forma de expressão do sexismo, dependendo do contexto e das características das mulheres com quem ocorre a interação. Assim, a conotação ambivalente do sexismo não diz respeito a um senso de confusão, conflito ou tensão, mas sim à divisão de atitudes em relação a dois grupos distintos de mulheres: atitudes positivas (benevolentes) em relação às mulheres em conformidade com papéis de gênero tradicionais e negativas (hostis) em relação às mulheres que desafiam e disputam o poder com os homens (GLICK; FISKE, 1996). Nesse sentido, é importante atentar para a necessidade de as estratégias de promoção da saúde considerarem não apenas os comportamentos, mas também os sistemas simbólicos que naturalizam a passividade feminina.

A pesquisa estadunidense de Fitz e Zucker (2015) incluída nesta revisão demonstrou que maiores níveis de internalização do sexismo benevolente, responsáveis por estimular a manifestação de um *script* sexual tradicional, estiveram associados com menores índices de uso de preservativo por parte de universitárias. Esse é um achado pertinente e novo na literatura sobre o tema, alertando para a importância de aprofundar o estudo sobre expressões atuais do sexismo e suas relações com a proteção no sexo. Conforme Glick e Fiske (1996), o sexismo benevolente reforça papéis de gênero tradicionais de maneira mais sutil, valorizando nas mulheres apenas aspectos socioemocionais que seriam femininos e, assim, fornecendo uma racionalização para confiná-las a satisfazer as supostas necessidades masculinas.

Estudos incluídos na presente revisão com amostras universitárias dos Estados Unidos (SEABROOK *et al.*, 2017), China (MOU *et al.*, 2020) e Colômbia (ALVARADO *et al.*, 2019) constataram que mulheres que endossam papéis de gênero femininos, apresentando maior passividade e submissão aos homens, tendem a manifestar menor autoeficácia ou assertividade na negociação do preservativo. Ainda, de acordo com outra pesquisa incluída, que foi conduzida no Irã (LOTFI *et al.*, 2016), a conformidade com os papéis de gênero aumenta a exposição das mulheres ao HIV.

Essa convergência de resultados em contextos tão diversos sugere que embora as manifestações culturais variem, o cerne das relações de gênero, permeado pela hierarquização entre o masculino e o feminino, segue operando como um obstáculo estrutural para práticas de

sexo seguro. Além disso, esses achados encontram respaldo em pesquisas anteriores. Souza, Muñoz e Visentin (2020) ressaltam que a assimetria de poder entre gêneros expõe as mulheres à suscetibilidade ao sexo desprotegido. Na mesma direção, Sakaluk *et al.* (2014) pontuam que a negociação do preservativo não faz parte da sequência normativa de comportamentos esperados para mulheres durante o sexo conforme o *script* sexual tradicional, visto que pressupõe passividade por parte delas.

No entanto, é fundamental destacar que, apesar de os dados revelarem tendências estruturais, também emergem nas pesquisas sinais de resistência e ruptura às normas. O estudo italiano de Ramos-Ortiz *et al.* (2020) incluído nesta revisão, embora tenha verificado que as mulheres utilizam menos as máquinas para comprar preservativo do que os homens, não apresentou consenso quanto às percepções que elas possuíam da compra. Uma parte das mulheres pensava que os homens deveriam comprar o preservativo, pois saberiam o que os agradaria, demonstrando uma preocupação em satisfazê-los já descrita na literatura (SOUZA; MUÑOZ; VISENTIN, 2020).

Outra parte da amostra do estudo de Ramos-Ortiz *et al.* (2020) queria dividir os gastos com o parceiro e realizar a compra do preservativo, apontando para uma mudança em direção a um maior poder das mulheres no sexo. A pesquisa de Higgins, Hoffman e Dworkin (2010) converge com esse achado, destacando que é necessário cuidado para que, ao considerar dinâmicas de poder que privilegiam os homens, não se reproduza a histórica desconsideração da agência das mulheres em relação à própria sexualidade. É pertinente trazer para a reflexão, portanto, que as mulheres não são agentes passivos dessas dinâmicas, visto que apesar das restrições impostas pelos *scripts* de gênero, constroem estratégias cotidianas de renegociação desses padrões.

Nesse sentido, foi constatado no estudo incluído nesta revisão de Sastre *et al.* (2015), com uma amostra latino-americana nos Estados Unidos, que mulheres têm conseguido questionar mais os papéis de gênero e exercer maior poder no sexo. Ainda, os estudos de Fladseth *et al.* (2015) com mulheres que vivem com HIV na África e de Garrison-Desany *et al.* (2021) na Tanzânia verificaram que mulheres que apresentavam maior adesão a normas equitativas de gênero eram mais propensas ao uso do preservativo. A distância de papéis de gênero tradicionais foi um fator que contribuiu para aumentar a autonomia e o

poder de tomada de decisão das mulheres. Esses achados estão de acordo com pesquisas que demonstram que há muitas mulheres que têm se afastado de padrões de conduta sexistas (VON MUHLEN; SALDANHA; STREY, 2014) e que uma maior perspectiva crítica feminista diante dos papéis de gênero está associada a maiores níveis de autoeficácia no uso do preservativo (HARRISON *et al.*, 2006; SCHICK; ZUCKER; BAY-CHENG, 2008).

A adesão ao papel submisso na conjugalidade

Estudos incluídos nesta revisão realizados no Brasil (MEDEIROS *et al.*, 2016), na China (CHE *et al.*, 2017) e em Bangladesh (BLUNCH, 2019) apontaram que o poder exercido pelos homens no casamento contribui para que as mulheres tenham baixa autonomia em tomadas de decisões contraceptivas. Foi constatado que os papéis de gênero limitam as mulheres e privilegiam as escolhas dos homens, que costumam ser contrários ao preservativo. Esses dados, além de alarmantes, evidenciam que, em muitos contextos, as políticas de saúde pública que enfatizam a responsabilidade individual na prevenção das ISTs e gravidezes não contemplam as limitações impostas por relações atravessadas por desigualdades estruturais de gênero. Ainda, a pesquisa brasileira (MEDEIROS *et al.*, 2016) alertou que as mulheres tendem a ficar expostas à possibilidade de engravidar sem planejamento ou a procedimentos como a laqueadura. Estudos anteriores já haviam indicado que o preservativo costuma deixar de ser usado em relações estáveis e ser substituído pela pílula anticoncepcional (FRANCISCO *et al.*, 2016; OSWALT; WYATT, 2014). Os achados desta revisão acrescentam que, não raramente, o preservativo deixa de ser usado no casamento e outro método não é adicionado.

Pesquisas que integram esta revisão conduzidas no Malawi (JOHN; BABALOLA; CHIPETA, 2015) e na África do Sul (SHRADER *et al.*, 2021) constataram que a escolha da forma de proteção no sexo no contexto conjugal está associada predominantemente com o impacto no prazer do homem e que o preservativo não costuma ser escolhido. Outros estudos revisados indicaram ainda que mulheres podem ceder ao sexo

desprotegido para manter a proximidade (SHRADER *et al.*, 2021) e a conexão emocional entre o casal (IBAÑEZ *et al.*, 2017). Assim, é identificado que mulheres podem manter relações desprotegidas não por desconhecimento dos riscos, mas pela necessidade de preservar vínculos afetivos ou evitar conflitos que possam ameaçar sua estabilidade conjugal ou econômica. Esse dado desloca o eixo de análise da esfera individual para a esfera relacional e estrutural, levando a repensar modelos de intervenção que elaboram propostas que não levam esses aspectos em consideração.

Ademais, pesquisas desta revisão desenvolvidas na África do Sul (KELLY *et al.*, 2015; MADIBA; NGWENYA, 2017) e em Laos (SYCHAREUN *et al.*, 2021) verificaram que mulheres em relações estáveis frequentemente sabem da infidelidade dos parceiros, mas têm dificuldade de negociar sexo seguro, visto que a solicitação do uso do preservativo é interpretada como questionamento da autoridade dos homens. Esses resultados somam evidências para constatações anteriores que destacam que a aceitação da infidelidade masculina está associada à dificuldade que mulheres possuem de enfrentar os parceiros devido ao controle exercido por eles (MOURA *et al.*, 2021; NASCIMENTO; KIND, 2018).

Outro aspecto pertinente observado é que os estudos revisados de Ibañez *et al.* (2017), Madiba e Ngwenya (2017) e Mtenga *et al.* (2015) concluíram que os papéis de gênero impactam as mulheres no contexto conjugal tornando-as mais vulneráveis ao HIV, uma vez que dificultam a negociação do preservativo. Assim, é reafirmada a relevância de pesquisar as ISTs em mulheres casadas (OSWALT; WYATT, 2014). Por fim, diante do exposto acima, cabe destacar que a dificuldade de negociar sexo seguro, especialmente no contexto de relações estáveis, não se trata de uma falha individual das mulheres em adotar comportamentos preventivos, mas sim de um reflexo direto das relações de poder de gênero que as colocam em posição de desvantagem, inclusive na gestão da própria saúde.

Um olhar crítico sobre a transmissão de ISTs

Os estudos revisados com mulheres que fazem parte de populações-chaves (trabalhadoras do sexo, privadas de liberdade ou que



injetam drogas) para prevenção ao HIV, vivem com HIV ou estão em relacionamentos sorodiscordantes concluíram que a submissão exigida pelos homens dificulta a negociação de sexo seguro. Ainda, impactam na exposição à infecção por HIV e, em alguns casos, na transmissão, na revelação do status sorológico e no acesso à saúde (AYUTTACORN *et al.*, 2019; ESTAVELA; SEIDL, 2015; HUBER-KRUM; KARANDIKAR; GEZINSKI, 2020; KELLY *et al.*, 2015; KENDALL *et al.*, 2015; KING *et al.*, 2016; MBURU; LIMMER; HOLLAND, 2019; PATEL *et al.*, 2018).

O Zika Vírus ocasiona uma infecção que pode ser transmitida não apenas pelo mosquito *Aedes Aegypti*, mas também sexualmente e via materno-fetal. Esse vírus afeta mulheres grávidas gerando malformações congênitas fetais, que podem envolver lesões cerebrais irreversíveis (ARAÚJO *et al.*, 2018). Estudos incluídos na revisão desenvolvidos em contextos de surtos de casos de Zika Vírus no Brasil (COUTINHO *et al.*, 2021), no Peru (GUERRA-REYES; IGUÍÑIZ-ROMERO, 2019), na República Dominicana (GURMAN *et al.*, 2020) e na Guatemala (LEONTSINI *et al.*, 2020) constataram que o uso de preservativo antes e durante a gravidez costuma ser negativamente influenciado pelos papéis de gênero. Embora as orientações técnicas internacionais recomendem o uso de preservativo durante períodos de aumento de casos dessa doença, fica evidenciado que essas recomendações partem de uma lógica biomédica que desconsidera completamente as assimetrias de gênero que dificultam, quando não inviabilizam, a negociação de sexo seguro por parte das mulheres que se relacionam com o gênero masculino. Homens demonstraram ser, de forma geral, contrários ao uso de preservativo e descomprometidos com a saúde de suas parceiras e seus filhos. Nesses estudos, possuir receio de ser acusada de infidelidade ou de demonstrar assertividade sexual por saber sobre prevenção foram fatores que inibiram mulheres de negociar segurança no sexo.

Recomenda-se mundialmente que mulheres em idade reprodutiva e grávidas sejam alvo de atenção para fornecer informações e materiais necessários para reduzir o risco de exposição ao Zika Vírus (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2016) e que mulheres grávidas ou com potencial para engravidar utilizem preservativo ou pratiquem abstinência sexual em contextos de surtos desse vírus (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION [CDC], 2019). No entanto, não são contempladas nas orientações técnicas o

impacto das desigualdades de gênero, que não raramente impossibilitam as mulheres de exercerem o recomendado. Os achados desta revisão, assim, reúnem evidências para sustentar a importância de uma reflexão crítica sobre o efetivo potencial das recomendações existentes para mulheres conseguirem evitar a infecção por Zika Vírus.

Complexificando as questões de gênero: a interseccionalidade entre marcadores sociais

Foi verificado nos estudos revisados que a exposição das mulheres ao sexo desprotegido deve ser analisada considerando a intersecção dos papéis de gênero com os seguintes marcadores sociais: disparidade de idade, com homens mais velhos se relacionando com mulheres mais jovens (CHAPMAN; NASCIMENTO; MANDAL, 2019; MADIBA; NGWENYA, 2017); dependência financeira do parceiro (AYUTTACORN *et al.*, 2019; COUTINHO *et al.*, 2021; ESTAVELA; SEIDL, 2015; HUBER-KRUM; KARANDIKAR; GEZINSKI, 2020; MABASO *et al.*, 2021); baixa escolaridade das mulheres (BLUNCH, 2019; CHAPMAN; NASCIMENTO; MANDAL, 2019; GUERRA-REYES; IGUÍÑIZ-ROMERO, 2019); e pobreza, que contribui para que mulheres recorram ao trabalho sexual (ESTAVELA; SEIDL, 2015; MBURU; LIMMER; HOLLAND, 2019).

Os achados das pesquisas acerca de intersecções entre marcadores sociais convergem com discussões elaboradas na literatura anteriormente. Embora as mulheres enfrentem dificuldade para negociar sexo seguro independentemente de marcadores sociais que as diferenciam, os marcadores investigados por esta revisão e outros, como raça/etnia, interseccionam-se e impactam de forma diferente a saúde sexual e reprodutiva de mulheres que estão inseridas em realidades distintas, sendo necessário observá-los com atenção (UNAIDS, 2017).

É imprescindível reconhecer que os papéis de gênero não operam isoladamente, mas sim se articulando com outros marcadores, como classe, idade e escolaridade, potencializando vulnerabilidades

específicas. Essa constatação desafia visões universalizantes sobre a condição de ser mulher e reforça a urgência de intervenções em saúde serem pensadas e desenvolvidas de forma interseccional, sensíveis às

particularidades dos diferentes grupos de mulheres. Negligenciar essas interseções significa, de forma prática, desenhar políticas públicas que atendem a uma mulher abstrata e genérica, que não existe na realidade. Portanto, pensar o marcado gênero de forma isolada é insuficiente e ineficaz.

Reflexões sobre estratégias interventivas

Ao partir da perspectiva do construcionismo social, se entende que os papéis de gênero são originados e perpetuados por aspectos históricos e culturais, então é coerente que se compreenda também que esses papéis não são imutáveis. É necessário transformá-los, ainda que envolva um grande desafio, visto que concepções binárias de gênero estão profundamente enraizadas no modo de ser e se relacionar em sociedade adotado na contemporaneidade (KAUFMAN; PULERWITZ, 2019).

As sugestões dos estudos incluídos na revisão para intervenções futuras que visem promover sexo seguro para mulheres que se relacionam com homens envolveram principalmente recomendar que papéis, normas e desigualdades de gênero sejam abordadas e questionados, buscando desenvolver maior reflexão crítica e superar estereótipos de feminilidade que vulnerabilizam as mulheres (AYUTTACORN *et al.*, 2019; CHE *et al.*, 2017; FITZ; ZUCKER, 2015; FLADSETH *et al.*, 2015; GARRISON-DESANY *et al.*, 2021; GUERRA-REYES; IGUÍÑIZ-ROMERO, 2019; HUBER-KRUM; KARANDIKAR; GEZINSKI, 2020; IBAÑEZ *et al.*, 2017; KING *et al.*, 2016; LOTFI *et al.*, 2016; MEDEIROS *et al.*, 2016; MBURU; LIMMER; HOLLAND, 2019; MTENGA *et al.*, 2015; PATEL *et al.*, 2018; SASTRE *et al.*, 2015; SEABROOK *et al.*, 2017; SHRADER *et al.*, 2021). Envolver os homens nas intervenções, de forma conjunta ou separada das mulheres, foi frequentemente sugerido pelos estudos, aparecendo em 15 artigos (45,4%) como uma prática necessária para alcançar mudanças que estimulem a proteção no sexo (CHAPMAN; NASCIMENTO; MANDAL, 2019; CHE *et al.*, 2017; COUTINHO *et al.*, 2021; FLADSETH *et al.*, 2015; GARRISON-DESANY *et al.*, 2021; GUERRA-REYES;

IGUIÑIZ-ROMERO, 2019; GURMAN *et al.*, 2020; HUBER-KRUM; KARANDIKAR; GEZINSKI, 2020; KELLY *et al.*, 2015; KENDALL *et al.*, 2015; LEONTSINI *et al.*, 2020; LEUNG; MACDONALD, 2018; MABASO *et al.*, 2021; MADIBA; NGWENYA, 2017; MBURU; LIMMER; HOLLAND, 2019). Essa constatação reforça que é preciso problematizar a masculinidade hegemônica para desenvolver uma atenção integral à saúde, uma vez que o que a prevenção em saúde e o autocuidado não são valorizados como papéis masculinos (SCHRAIBER; FIGUEIREDO, 2011).

Foram também realizadas as seguintes recomendações para intervenções com mulheres: fortalecer a assertividade sexual e as habilidades para negociar o uso de preservativo (FITZ; ZUCKER, 2015; GUERRA-REYES; IGUIÑIZ-ROMERO, 2019; MADIBA; NGWENYA, 2017; MOU *et al.*, 2020); diminuir o constrangimento e o estigma em carregar preservativos (LEUNG; MACDONALD, 2018) e comprar preservativos (RAMOS-ORTIZ *et al.*, 2020); fomentar a ideia de que o sexo seguro pode significar compromisso, cuidado mútuo (KENDALL *et al.*, 2015) e conexão emocional (IBAÑEZ *et al.*, 2017); e estimular a rejeição a papéis tradicionais de gênero (FITZ; ZUCKER, 2015; JOHN; BABALOLA; CHIPETA, 2015). Em síntese, as práticas interventivas devem abordar com mulheres e homens conteúdos que busquem a superação de concepções tradicionais de gênero, permitindo que homens se distanciem de papéis autoritários, mulheres assumam postura ativa diante do cuidado com sua saúde e decisões sejam tomadas de forma colaborativa (KAUFMAN; PULERWITZ, 2019).

Considerações finais

Esta revisão integrativa da literatura evidenciou que os papéis de gênero estão relacionados com uma maior dificuldade de mulheres adquirirem, negociarem e efetivamente usarem preservativo no sexo com homens. Os principais aspectos que demonstraram contribuir para a exposição das mulheres ao sexo desprotegido foram os seguintes: conformidade com o *script* sexual tradicional e internalização do sexismo; adesão a um papel submisso na conjugalidade; receio de



questionar a autoridade masculina em contexto de exposição às ISTs; e a intersecção entre ser mulher e outros marcadores sociais, como possuir menores níveis de escolaridade, depender financeiramente do parceiro e apresentar disparidade de idade com o parceiro.

Conclui-se que intervenções que promovam sexo seguro entre mulheres e homens devem incluir ambos e ser desenvolvidas em uma perspectiva de transformação de relações desiguais de gênero. Algumas limitações do estudo devem ser consideradas. Uma dessas limitações envolve o fato de alguns elementos que garantem maior robustez da

evidência científica não terem sido contemplados, como a análise de qualidade dos artigos incluídos na revisão. Ainda, os descritores utilizados nas buscas podem não ter identificado todos os estudos publicados envolvendo o objetivo deste artigo no recorte temporal adotado. Finalmente, a revisão não incluiu a análise de outros materiais além de artigos, como capítulos de livros, dissertações e teses.

A partir desta revisão integrativa, foi possível apresentar um panorama inédito sobre o estado da arte das relações documentadas na literatura entre os papéis de gênero e o uso de preservativo em mulheres que se relacionam com homens. Pesquisar em profundidade de que forma os papéis de gênero impactam na exposição das mulheres ao sexo desprotegido é fundamental e permite oferecer direcionamentos mais específicos sobre aspectos que devem ser observados em intervenções que resultem em menor risco à saúde sexual e reprodutiva feminina.

Sugere-se que futuras pesquisas apresentem maior explicitação nos artigos sobre a concepção teórica de papéis de gênero adotada e ocorra maior convergência na medida utilizada para avaliá-los. É também relevante que sejam conduzidos estudos em contextos de menor desigualdade de gênero, visando compará-los com resultados encontrados no continente africano, no qual existem disparidades de poder profundas entre mulheres e homens. Por fim, é importante que estudos sobre proteção no sexo procurem investigar os papéis de gênero de forma interseccionada com o marcador social raça/etnia, visto que achados relevantes foram alcançados em artigos incluídos nesta revisão que pesquisaram intersecções com outros marcadores sociais.

Referências

ALVARADO, J. Isac Uribe *et al.* Expresiones de la sexualidad y del uso del condón en las relaciones sexuales en jóvenes universitarios de Colombia. Aportes a la terapia. **Archivos Venezolanos de Farmacología y Terapéutica**, Caracas, v. 37, n. 5, p. 456-462, 2019. Disponível em: <http://bonga.unisimon.edu.co/handle/20.500.12442/2468>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ARAÚJO, Thalia Velho Barreto *et al.* Association between microcephaly, Zika virus infection, and other risk factors in Brazil: final report of a case-control study. **The Lancet Infectious Diseases**, Londres, v. 18, n. 3, p. 328-336, mar. 2018. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(17\)30727-2](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(17)30727-2). Acesso em: 19 ago. 2021.

AYRES, José Ricardo; PAIVA, Vera; BUCHALLA, Cassia Maria. Direitos humanos e vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde: uma introdução. In: PAIVA, Vera; AYRES, José Ricardo; BUCHALLA, Cassia Maria (Orgs.). **Vulnerabilidade e direitos humanos: prevenção e promoção da saúde - da doença à cidadania**. Curitiba: Juruá Editora, 2013. p. 9-22.

AYUTTACORN, Arratee *et al.* Disclosure of HIV status among Shan female migrant workers living with HIV in Northern Thailand: a qualitative study. **PLoS One**, São Francisco, v. 14, n. 5, p. e0216382, 02 maio. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0216382>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BLUNCH, Niels-Hugo. My choice: women's contraceptive-use autonomy in Bangladesh. **Feminist Economics**, Londres, v. 25, n. 4, p. 68-93, 17 jun. 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.1080/13545701.2019.1618479>. Acesso em: 29 jun. 2021.

BURT, Martha R. Cultural myths and supports for rape. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 38, n. 2, p. 217-230, fev. 1980. Disponível em:

<https://psycnet.apa.org/fulltext/1981-08163-001.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

CARVALHAES, Flávia Fernandes. Subjetividade e AIDS: doença e militância na trajetória de mulheres HIV+. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 115-128, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v62n2/v62n2a11.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2021.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION [CDC]. **Clinical guidance for healthcare providers for prevention of sexual transmission of zika virus**. Georgia: CDC, 2019.

CHAPMAN, Jenifer; NASCIMENTO, Nena do; MANDAL, Mahua. Role of male sex partners in HIV risk of adolescent girls and young women in Mozambique. **Global Health: Science and Practice**, Baltimore, v. 7, n. 3, p. 435-446, 23 set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9745/GHSP-D-19-00117>. Acesso em: 09 jul. 2021.

CHE, Yan *et al.* A qualitative exploration of perceptions and experiences of contraceptive use, abortion and post-abortion family planning services (PAFP) in three provinces in China. **BMC Women's Health**, Berlim, v. 17, n. 113, p. 1-13, 21 nov. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12905-017-0458-z>. Acesso em: 19 ago. 2021.

CHU, Judy Y.; PORCHE, Michelle V.; TOLMAN, Deborah L. The adolescent masculinity ideology in relationships scale: development and validation of a new measure for boys. **Men and Masculinities**, Thousand Oaks, v. 8, n. 1, p. 93-115, jul. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X03257453>. Acesso em: 12 ago. 2021.

COUTINHO, Raquel Zanatta *et al.* Zika virus public health crisis and the perpetuation of gender inequality in Brazil. **Reproductive Health**, Berlim, v. 18, n. 40, p. 1-21, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12978-021-01067-1>. Acesso em: 17 jul. 2021.

ESTAVELA, Arune Joao; SEIDL, Eliane Maria Fleury. Vulnerabilidades de gênero, práticas culturais e infecção pelo HIV em Maputo. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v. 27 n. 3, p. 569-578, dez. 2015. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p569>. Acesso em: 22 jul. 2021.

FIGUEIREDO, Leonardo Gomes *et al.* Percepção de mulheres casadas sobre o risco de infecção pelo HIV e o comportamento preventivo. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 805-811. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0325>. Acesso em: 07 jun. 2025.

FILHO, Nelson Hauck; ZANON, Cristian. Questões básicas sobre mensuração. *In*: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcell (Orgs.). **Psicometria**. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 23-44.

FINKLER, Lirene, OLIVEIRA, Manoela Ziebell; GOMES, William B. HIV/AIDS e práticas preventivas em uniões heterossexuais estáveis. **Aletheia**, Canoas, v. 20, p. 9- 25. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013471002.pdf>. Acesso em: 18 jun.2025.

FITZ, Caroline C.; ZUCKER, Alyssa N. Everyday exposure to benevolent sexism and condom use among college women. **Women & Health**, Londres, v. 55, n. 3, p. 245-262, 27 mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03630242.2014.996721>. Acesso em 11 ago. 2021.

FLADSETH, Kristin *et al.* The impact of gender norms on condom use among HIV-positive adults in KwaZulu-Natal, South Africa. **PLoS One**, São Francisco, v. 10, n. 4, p. e0122671, 08 abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0122671>. Acesso em 19 set. 2021.

FRANCISCO, Márcio Tadeu Ribeiro *et al.* O uso do preservativo entre os participantes do Carnaval - perspectiva de gênero. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 106-113, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160015>. Acesso em: 12 nov. 2021.

GALAMBOS, Nancy L. *et al.* The Attitudes Toward Women Scale for Adolescents (AWSA): a study of reliability and validity. **Sex Roles**, Berlim, v. 13, n. 5-6, p. 343-356, set. 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF00288090>. Acesso em 07 ago. 2021.

GARRISON-DESANY, Henri M. *et al.* The role of gender power relations on women's health outcomes: evidence from a maternal health coverage survey in Simiyu region, Tanzania. **BMC Public Health**, Berlim, v. 21, n. 909, p. 1-15, 13 maio. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-021-10972-w>. Acesso em: 11 set. 2021.

GLICK, Peter; FISKE, Susan T. The Ambivalent Sexism Inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 70, n. 3, p. 491-512, mar. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GUERRA-REYES, Lucia; IGUÑIZ-ROMERO, Ruth A. Performing purity: reproductive decision-making and implications for a community under threat of zika in Iquitos, Peru. **Culture, Health & Sexuality**, Londres, v. 21, n. 3, p. 309-322, 11 jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1469790>. Acesso em: 29 jun. 2021.

GURMAN, Tilly *et al.* The role of gender in Zika prevention behaviors in the Dominican Republic: findings and programmatic implications from a qualitative study. **PLoS Neglected Tropical Diseases**, São Francisco, v. 14, n. 3, p. e0007994, 06 mar. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0007994>. Acesso em: 22 jul. 2022.

HARRISON, Abigail *et al.* Gender role and relationship norms among young adults in South Africa: measuring the context of masculinity and HIV risk. **Journal of Urban Health**, Berlim, v. 83, n. 3, p. 709-722, 07 jun. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11524-006-9077-y>. Acesso em: 10 ago. 2022.

HIGGINS, Jenny A.; HOFFMAN, Susie; DWORKIN, Shari L. Rethinking gender, heterosexual men, and women's vulnerability to HIV/AIDS. **American Journal of Public Health**, Washington, v. 100, n. 3, p. 435-445, mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.2105/AJPH.2009.159723>. Acesso em: 13 ago. 2021.

HUBER-KRUM, Sarah; KARANDIKAR, Sharvari; GEZINSKI, Lindsay. "A condom is compulsory": a qualitative study of condom use and negotiation strategies among female sex workers in Nepal. **Women & Health**, Londres, v. 60, n. 8, p. 872-886, 03 ago. 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1080/03630242.2020.1766641>. Acesso em: 12 jul. 2022.

IBAÑEZ, Gladys E. *et al.* “Love and trust, you can be blinded”: HIV risk within relationships among Latina women in Miami, Florida. **Ethnicity & Health**, Londres, v. 22, n. 5, p. 510-527, out. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13557858.2016.1244737>. Acesso em: 09 jul. 2021.

ÍÑIGUEZ, Lupicinio Rueda. Nuevos debates, nuevas ideas y nuevas prácticas en la psicología social de la era “post-construccionista”. **Fermentum Revista Venezolana de Sociología y Antropología**, Mérida, v. 17, n. 50, p. 523-534, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/705/70505003.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

JENKINS, Stephen Sean. **Gender and self-determination in sexual motivation**. Dissertação (Mestrado) - Department of Clinical and Social Sciences in Psychology, University of Rochester, Rochester, New York, 2003.

JOHN, Neetu A.; BABALOLA, Stella; CHIPETA, Effie. Sexual pleasure, partner dynamics and contraceptive use in Malawi. **International Perspectives on Sexual and Reproductive Health**, Nova York, v. 41, n. 2, p. 99-107, jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1363/4109915>. Acesso em: 28 jul. 2022.

JOINT UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS [UNAIDS]. **When women lead, change happens: women advancing the end of AIDS**. Genebra: UNAIDS, 2017.

JOINT UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS [UNAIDS]. **Relatório informativo: dia mundial da AIDS 2021**. Brasília: UNAIDS, 2021.

KAUFMAN, Michelle R.; PULERWITZ, Julie. When sex is power: gender roles in sex and their consequences. *In*: AGNEW, Christopher R.; HARMAN Jennifer J. (Orgs.). **Power in close relationships**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 173-191.

KELLY, Christine A. *et al.* To tell or not to tell: male partner engagement in a Phase 3 microbicide efficacy trial in South Africa. **Culture, Health**

&

Sexuality, Londres, v. 17, n. 8, p. 1004-1020, 27 abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2015.1030451>. Acesso em: 07 ago. 2021.

KENDALL, Tamil *et al.* El uso inconsistente del condón en mujeres mexicanas que viven con VIH: un reto para los servicios de salud. **Salud Pública de México**, Cuernavaca, v. 57, n. 2, p. 183-189, 2015. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/spm/2015.v57suppl2/s183-s189/es>. Acesso em: 30 jun. 2021.

KING, Elizabeth J. *et al.* “If she is a good woman...” and “to be a real man...”: gender, risk and access to HIV services among key populations in Tajikistan. **Culture, Health & Sexuality**, Londres, v. 18, n. 4, p. 422-434, 07 out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2015.1089603>. Acesso em: 06 set. 2021.

LEONTSINI, Elli *et al.* Community perspectives on Zika Virus Disease prevention in Guatemala: a qualitative study. **The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, Arlington, v. 102, n. 5, p. 971-981, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4269/ajtmh.19-0578>. Acesso em: 01 ago. 2022.

LEUNG, Pauline C.; MACDONALD, Tara K. Attitudes toward condom carriers: the role of gender. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, Toronto, v. 27, n. 3, p. 215-225, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/cjhs.2018-0003>. Acesso em: 23 jul. 2021.

LOTFI, Razieh *et al.* Developing a valid and reliable instrument to predict the protective sexual behaviors in women at risk of human immunodeficiency virus. **Iranian Red Crescent Medical Journal**, Dubai, v. 16, n. 9, p. e14682, set. 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25593717/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

LOTFI, Razieh *et al.* Predictors of condom use among Iranian women at risk of HIV. **Archives of Sexual Behavior**, Berlim, v. 45, n. 2, p. 429-437, fev. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0603-4>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MABASO, Musawenkosi *et al.* Factors associated with age-disparate sexual partnerships among males and females in South Africa: a multinomial analysis of the 2012 national population-based household survey data. **Emerging Themes in Epidemiology**, Londres, v. 18, n. 3, p. 1-13, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12982-021-00093-5>. Acesso em: 07 ago. 2021.

MADIBA, Sphiwe; NGWENYA, Nomsa. Cultural practices, gender inequality and inconsistent condom use increase vulnerability to HIV infection: narratives from married and cohabiting women in rural communities in Mpumalanga province, South Africa. **Global Health Action**, Londres, v. 10, n. 2, p. 1341597, 05 jul. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/16549716.2017.1341597>. Acesso em: 12 jun. 2021.

MBURU, Gitau; LIMMER, Mark; HOLLAND, Paula. HIV risk behaviours among women who inject drugs in coastal Kenya: findings from secondary analysis of qualitative data. **Harm Reduction Journal**, Londres, v. 16, n. 10, p. 1-15, 06 fev. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12954-019-0281-y>. Acesso em: 03 set. 2021.

MEDEIROS, Thalyta Francisca Rodrigues de *et al.* Vivência de mulheres sobre contracepção na perspectiva de gênero. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. e57350, jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.57350>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MEDINA-PERUCHA, L. *et al.* Factors associated with sexual risks and risk of STIs, HIV and other blood-borne viruses among women using heroin and other drugs: a systematic literature review. **AIDS and Behavior**, Londres, v. 23, n. 1, p. 222-251, 02 ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10461-018-2238-7>. Acesso em: 17 jul. 2021.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, dez. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 12 set. 2021.

MEYER, Dagmar Estermann *et al.* "Você aprende. A gente ensina?": interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1335-1342. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000600022>. Acesso em: 13 jun. 2025.

MOU, Yi *et al.* Safer sex practice among female Chinese college students and its antecedents: a culture-centered approach. **International Journal of Sexual Health**, Londres, v. 32, n. 3, p. 282-292, 04 ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19317611.2020.1796882>. Acesso em: 18 set. 2021.

MOURA, Samy Loraynn Oliveira *et al.* Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. e20190325. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0325>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MTENGA, Sally M. *et al.* Prevalence and social drivers of HIV among married and cohabitating heterosexual adults in south-eastern Tanzania: analysis of adult health community cohort data. **Global Health Action**, Londres, v. 8, n. 1, p. 28941, 30 set. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3402/gha.v8.28941>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MURNEN, Sarah K.; BYRNE, Donn. Hyperfemininity: measurement and initial validation of the construct. **The Journal of Sex Research**, Londres, v. 28, n. 3, p. 479-489, jan. 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224499109551620>. Acesso em: 19 dez. 2022.

NASCIMENTO, Patrícia Chaves do; KIND, Luciana. Narrativas positivas: vulnerabilidade de mulheres ao HIV/AIDS em relações heterossexuais de conjugalidade. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 85-105, nov. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.18957>. Acesso em: 17 set. 2021.

OSWALT, Sara B.; WYATT, Tammy J. But I'm married: understanding relationship status and college students' sexual behaviors. **American Journal of Sexuality Education**, Londres, v. 9, n. 1, p. 4-20, 13 mar.

2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15546128.2013.854009>. Acesso em: 25 set. 2021.

PATEL, Rena C. *et al.* What motivates serodiscordant couples to prevent HIV transmission within their relationships: findings from a PrEP implementation study in Kenya. **Culture, Health & Sexuality**, Londres, v. 20, n. 6, p. 625-639, 14 set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2017.1367421>. Acesso em: 13 jul. 2021.

PULERWITZ, Julie; BARKER, Gary. Measuring attitudes toward gender norms among young men in Brazil: development and psychometric evaluation of the GEM Scale. **Men and Masculinities**, Thousand Oaks, v. 10, n. 3, p. 322-338, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1097184X06298778>. Acesso em: 02 ago. 2021.

RAMOS-ORTIZ, Jaziel *et al.* Condom-vending machines in Italy: a qualitative exploration of gender differences to improve promotion and use. **The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care**, Londres, v. 25, n. 6, p. 456-464, 04 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13625187.2020.1810226>. Acesso em: 24 ago. 2021.

RODRIGUE, Carl; FERNET, Mylène. A metasynthesis of qualitative studies on casual sexual relationships and experiences. **The Canadian Journal of Human Sexuality**, Toronto, v. 25, n. 3, p. 225-242, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/cjhs.253-A6>. Acesso em: 13 jul. 2021.

RODRIGUEZ, Katrina L. *et al.* Culturally responsive focus groups: reframing the research experience to focus on participants. **International Journal of Qualitative Methods**, Thousand Oaks, v. 10, n. 4, p. 400-417, 01 dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/160940691101000407>. Acesso em: 30 jun. 2021.

RUBLE, Diane N.; MARTIN, Carol Lynn; BERENBAUM, Sheri A. Gender development. *In*: EISENBERG, Nancy (Org.). **Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development**. Nova York: Wiley, 1998. v. 3. p. 933-1016.

SAKALUK, John K. *et al.* Dominant heterosexual sexual scripts in emerging adulthood: conceptualization and measurement. **The Journal of Sex Research**, Londres, v. 51, n. 5, p. 516-531, 14 maio. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00224499.2012.745473>. Acesso em: 23 jul. 2021.

SASTRE, Francisco *et al.* Condom use preferences among Latinos in Miami-Dade: emerging themes concerning men's and women's culturally-ascribed attitudes and behaviours. **Culture, Health & Sexuality**, Londres, v. 17, n. 6, p. 667-681, 20 dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.989266>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SCHICK, Vanessa R.; ZUCKER, Alyssa N.; BAY-CHENG, Laina Y. Safer, better sex through feminism: the role of feminist ideology in women's sexual well-being. **Psychology of Women Quarterly**, Thousand Oaks, v. 32, n. 3, p. 225-232, 01 set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2008.00431.x>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SCHRAIBER, Lilia Blima; FIGUEIREDO, Wagner dos Santos. Integralidade em saúde e os homens na perspectiva relacional de gênero. *In*: GOMES, Romeu (Org.). **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. p. 19-38.

SEABROOK, Rita C. *et al.* Our scripted sexuality: the development and validation of a measure of the heterosexual script and its relation to television consumption. **Emerging Adulthood**, Thousand Oaks, v. 4, n. 5, p. 338-355, 21 jun. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2167696815623686>. Acesso em: 17 set. 2021.

SEABROOK, Rita C. *et al.* Girl power or powerless girl? Television, sexual scripts, and sexual agency in sexually active young women. **Psychology of Women Quarterly**, Thousand Oaks, v. 41, n. 2, p. 240-253, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0361684316677028>. Acesso em: 30 jul. 2021.

SHRADER, Cho-Hee *et al.* "I'd rather use a refuse bag": a qualitative exploration of a South African community's perceptions of government-provided condoms and participant-preferred

solutions. **Archives of Sexual Behavior**, Berlim, v. 50, n. 2, p. 615-627, fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01701-2>. Acesso em: 24 jun. 2021.

SILVA, Tamara Queiroz Costa; SZAPIRO, Ana Maria. Mulheres heterossexuais em relacionamento estável: limites do aconselhamento em DST/HIV/AIDS. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 15, n. 3, p. 350-361. 2015. <https://doi.org/10.5020/23590777.15.3.350-361>. Acesso em: 12 jun. 2025.

SOUZA, Flávia Moreno Alves de; MUÑOZ, Ivette Kafure; VISENTIN, Izabela Calegario. Contexto de vulnerabilidade de gênero no uso do preservativo masculino. **Humanidades e Tecnologia em Revista**, Paracatu, v. 20, n. 1, p. 243-267, jan./jul. 2020. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/287360732.pdf>. Acesso em 12 set. 2021.

SYCHAREUN, Vanphanom *et al.* Lifestyles, sexuality and gender: vulnerability to STIs and unplanned pregnancy among female migrant beer promoters in Lao PDR. **Culture, Health & Sexuality**, Londres, v. 24, n. 8, p. 1-16, 10 maio. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2021.1913233>. Acesso em: 13 ago. 2021.

VON MUHLEN, Bruna Krimberg; SALDANHA, Marília; STREY, Marlene Neves. Mulheres e o HIV/AIDS: intersecções entre gênero, feminismo, psicologia e saúde pública. **Revista Colombiana de Psicología**, Bogotá, v. 23, n. 2, p. 285-296, 01 jul. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rcp.v23n2.29790>. Acesso em: 17 dez. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO]. **Zika strategic response plan quarterly update**. Genebra: WHO, 2016.

Gender Roles and Unprotected Sex between Women and Men: An Integrative Literature Review

ABSTRACT: This study aimed to analyze the data found in the scientific literature about the association between gender roles and condom use in women who have sexual relations with men. An integrative literature review was conducted in Scopus, PubMed, Lilacs and PsycINFO databases, covering studies published between January 2015 and June 2021. After applying the inclusion and exclusion criteria, the final sample was composed by 33 articles. The results of the articles indicate that traditional gender roles are associated with the difficulty faced by women in using condoms in sex with men. The aspects related to this difficulty were the following: conformity with a traditional sexual script and internalization of sexism; adherence to a submissive role in conjugality; fear of questioning male authority in the context of exposure to Sexually Transmitted Infections (STIs); and the intersection between being a woman and other social markers, such as lower levels of education, financial dependence and age disparity with the partner. The findings of this literature review integrate research results carried out in different countries and provide contributions on components that should be prioritized in intervention strategies developed to promote safer sex between women and men.

KEYWORDS: Women. Gender Roles. Sexuality. Prevention. Condom.

Isabella ZUARDI MARQUES, Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestra em Psicologia Social pelo Grupo de Pesquisa Psicologia, Saúde e Comunidades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS.

<https://orcid.org/0000-0001-9207-3474>

Rodrigo FALCÃO CHAISE, Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Psicologia Social pelo Grupo de Pesquisa Psicologia, Saúde e Comunidades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS.

Kátia BONES ROCHA, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Psicóloga e Mestra em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora em Psicologia pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB). Docente do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Psicologia, Saúde e Comunidades do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS.

Recebido em: 08/06/2023

Aprovado em: 27/08/2025